

“E” E “AÍ” EM NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL E EM RELATOS DE OPINIÃO: UMA ANÁLISE DA GRAMATICALIZAÇÃO NA FALA DE PRÉ-ADOLESCENTES E ADOLESCENTES NATALENSES

Autora: Ana Clarissa Viana Duarte; Co-autor: Fernando Laerty Ferreira da Silva; Orientadora:
Maria Alice Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: anacviana.duarte@gmail.com

Resumo: Embasada teoricamente na perspectiva sociofuncionalista – união de pressupostos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo norte-americano –, a presente pesquisa objetiva analisar os conectores sequenciadores E e AÍ como formas variantes na indicação de sequenciação retroativo-propulsora de informação (SRPI) na fala de pré-adolescentes e adolescentes natalenses. Para isso, considerou-se um *corpus* composto por oito entrevistas sociolinguísticas, constituintes do Banco de Dados FALA-Natal. Essas entrevistas foram realizadas com indivíduos com idades entre 8 e 21 anos. Posteriormente, foram transcritos os trechos referentes às narrativas de experiência pessoal e aos relatos de opinião, e, nesses trechos, os conectores E e AÍ foram codificados de acordo com as relações semântico-pragmáticas de sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência. De um modo geral, os resultados obtidos possibilitaram: a) averiguar se os conectores E e AÍ distinguem-se quanto à frequência de uso nos gêneros textuais narrativa de experiência pessoal e relato de opinião produzidos oralmente, em situação de entrevista sociolinguística, por adolescentes e pré-adolescentes natalenses; b) verificar semelhanças e diferenças na distribuição dos conectores sequenciadores E e AÍ quanto às relações semântico-pragmáticas por eles indicadas em narrativas de experiência pessoal e relatos de opinião produzidos pelas faixas etárias empregadas no estudo; c) Identificar, com base na distribuição dos conectores E e AÍ em diferentes relações semântico-pragmáticas a possibilidade de existência de especializações de uso distintas desses conectores; e, d) avaliar o papel desempenhado pelos adolescentes e pré-adolescentes natalenses relativamente aos fenômenos de variação e de mudança por gramaticalização dos conectores E e AÍ na comunidade de fala como um todo. A análise quantitativa dos dados revelou um significativo uso do conector AÍ entre os pré-adolescentes e adolescentes natalenses. Nas narrativas de experiência pessoal, há indícios de especialização por generalização, uma vez que o referido conector se destacou na indicação de todas as relações semântico-pragmáticas consideradas na pesquisa. Já nos relatos de opinião, há indícios de especialização por especificação, pois, enquanto o conector AÍ tem altas taxas de ocorrência na indicação de sequenciação temporal e consequência, o conector E foi mais empregado na indicação de sequenciação textual.

Palavras-chave: conectores, relações semântico-pragmáticas, gramaticalização, sociofuncionalismo.

INTRODUÇÃO

Levando em consideração a expressão linguística oral de pré-adolescentes e adolescentes natalenses, este estudo analisa a variação existente no emprego dos conectores E e AÍ na indicação da função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI), em narrativas de experiência pessoal e em relatos de opinião. A SRPI é encontrada tanto em textos orais quanto em textos escritos, e é responsável por garantir a coesão sequencial entre os enunciados, ou seja, trata-se de uma relação de continuidade e consonância, de forma que o primeiro enunciado alicerça o que será dito no segundo (cf. TAVARES, 2012). No português brasileiro, a função de SRPI é desempenhada especialmente pelos conectores E e AÍ, que indicam relações semântico-pragmáticas tais como sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência. Essas relações são descritas e ilustradas a seguir, com exemplos extraídos do próprio corpus da pesquisa:

- (1) Não, a gente nem sabia que a gente ia, **aí** o diretor decidiu em cima da hora. (BDFN; L; femin.)
- (2) Porque essa novela, essa novela, assim, falava muito dos dinossauros, **aí** eu gosto de dinossauro. **E** era engraçado também, né, os personagens. (BDFN; D; mascul.)

Acima, é possível observar os conectores E e AÍ exercendo a função de sequenciadores textuais, sendo o primeiro exemplo retirado de uma narrativa de experiência pessoal e o segundo exemplo de um relato de opinião. Nos dois casos, os conectores enfatizam a ordem na qual os enunciados aparecem no discurso, marcando a consonância que há entre o que foi dito e o que será dito posteriormente, caracterizando assim uma relação de sequenciação textual.

- (3) Minha conversão? Foi... culto, quando o culto acabou, **aí** veio um... a mulher veio pra me perguntar se eu queria aceitar Jesus. **Aí** eu disse: “eu quero”. **Aí** o irmão do ministério orou por mim e só. (BDFN; I; mascul.)
- (4) Pra mim estudar, assim em computador, ter essas coisas, eu tenho que ir pra casa de meu pai, ou de meu namorado, então é uma coisa que não tem lógica, assim, de chegar de meia noite em casa **e** ir pra casa das pessoas. (BDFN; B; femin.)

Nos exemplos acima, o primeiro extraído de uma narrativa de experiência pessoal e o segundo de um relato de opinião, é possível notar a função de sequenciação temporal sendo exercida pelos conectores E e AÍ. Nessa função, os conectores marcam a relação temporal que há entre os eventos, indicando, assim, que há uma ordem cronológica a ser respeitada, uma vez que o primeiro evento deve ter acontecido anteriormente ao segundo evento.

- (5) Foi... um menino lá deu um carrinho em mim, **aí** eu cai por cima do braço. (BDFN; I; mascul.)

(6) Não, num é esse negócio de mandar, é o respeito que você tem. Você tem família, então tem que respeitar aquilo. Num é só as coisas do marido, é ter que respeitar todos ao seu redor. E isso, com certeza, ajuda os filhos, né? (BDFN; B; femin.)

Acima, há o uso dos conectores E e AÍ em uma narrativa de experiência pessoal e um relato de opinião, respectivamente. Nesses exemplos, ambos os conectores desempenham a função de consequência. Desse modo, introduzem informações que atuam como consequência em referência a algo que foi dito anteriormente.

O *corpus* analisado na presente pesquisa é constituído por oito entrevistas sociolinguísticas, as quais fazem parte do Banco de Dados FALA- Natal. Nesse banco de dados, ainda em processo de organização, é possível encontrar entrevistas sociolinguísticas realizadas com sujeitos capazes de representar a comunidade de fala da cidade do Natal. Das entrevistas consideradas no estudo, foram coletados dados dos conectores E e AÍ dos trechos que correspondem às narrativas de experiência pessoal e aos relatos de opinião.

Como guia teórico da pesquisa, fundamentamo-nos no funcionalismo norte-americano associado à sociolinguística variacionista, em uma abordagem que pode ser dita *sociofuncionalista*. Essa associação é válida, uma vez que “fenômenos de natureza discursiva são recortados como objeto de investigação e diferentes grupos de fatores funcionais são controlados como possíveis condicionadores da variação” (GORSKI; TAVARES, 2013, p. 79).

O funcionalismo norte-americano defende que a língua de um determinado indivíduo tem origem a partir de suas experiências pessoais com as formas que a constituem, sendo a língua influenciada, desse modo, pelo emprego que se faz dela no dia a dia e pela frequência de uso que se dá a suas formas constituintes (cf. HOPPER, 1998). Apesar do caráter sistemático da língua, o falante realiza adaptações de acordo com seus interesses comunicativos e, assim, é possível afirmar que a gramática está sempre em processo de construção. Ou seja, o uso repetido de construções gramaticais garante a identidade fixa da língua, porém, essas construções podem ser reorganizadas, possibilitando o surgimento de novas construções (cf. TAVARES, 2013). Quando essas novas construções são usadas de forma rotineira, passam a integrar a gramática da língua, juntando-se a construções mais antigas. A esse movimento de rotinização de novas formas gramaticais dá-se o nome de gramaticalização, e é por meio desse processo que formas lexicais ganham funções gramaticais e que formas gramaticais ganham novas funções gramaticais.

A partir da gramaticalização, surgem formas inovadoras, com o papel de desempenhar uma função já exercida anteriormente por outras formas. Quando essas formas coexistem e dividem

espaço na representação de determinada função, há uma situação de estratificação (cf. HOPPER, 1991). No português brasileiro, há estratificação no tocante ao uso do conector AÍ, que passou a ser utilizado na codificação da SRPI mais recentemente e apenas no português brasileiro (cf. TAVARES, 2006), unindo-se a formas já existentes anteriormente, tal como o E, que tem sua origem no *et* latino e desse modo, está presente na língua desde sua constituição (BARRETO, 1999 *apud* TAVARES, 2006). Porém, a gramaticalização também leva a outras situações, como a especialização (cf. HOPPER, 1991), que ocorre quando uma das formas, anteriormente estratificadas, se especializa em determinada função. A especialização se dá de duas maneiras distintas, sendo uma delas a generalização, responsável pela diminuição do uso ou até mesmo pela extinção das demais formas concorrentes, enquanto a outra, a especificação, leva as formas concorrentes a expressarem funções distintas. Em ambos os tipos de especialização, há eliminação da concorrência entre as formas e desse modo, o fim da variação (cf. TAVARES, 2013).

A sociolinguística é a área da linguística que toma como ponto de partida as regras gramaticais, e estuda as relações existentes entre essas regras e a sociedade (cf. TAGLIAMONTE, 2006). Desse modo, a sociolinguística “assume a perspectiva de que a língua apresenta variabilidade de uso em todos os níveis – os falantes fazem escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou expressões” (TAVARES, 2008, p. 23). Na presente pesquisa, considera-se variação de uso entre conectores sequenciadores, destacando-se as duas variantes mais frequentes na amostra de dados utilizada: E e AÍ. Por meio do controle das relações semântico-pragmáticas, buscam-se indícios de especialização no uso dos conectores E e AÍ na fala dos pré-adolescentes e adolescentes natalenses.

A opção pela análise de dados provenientes da fala de pré-adolescentes e adolescentes natalenses dá-se pelo fato de ser nesses períodos da vida que os indivíduos, buscando a constituição de sua identidade, costumam se distanciar do comportamento de fala de pessoas mais jovens, as crianças, e de pessoas mais velhas, os adultos. Isso faz com que pré-adolescentes e adolescentes tenham a tendência a fazer uso de formas gramaticais caracterizadas por maior informalidade ou mesmo estigmatizadas, caso do conector AÍ, como marca típica de um grupo etário.

Este trabalho tem como objetivo i) averiguar se os conectores E e AÍ distinguem-se quanto à frequência de uso nos gêneros textuais narrativa de experiência pessoal e relato de opinião produzidos oralmente, em situação de entrevista sociolinguística, por adolescentes e pré-adolescentes natalenses; ii) verificar semelhanças e diferenças na distribuição dos conectores sequenciadores E e AÍ quanto às relações semântico-pragmáticas por eles indicadas em narrativas

de experiência pessoal e em relatos de opinião produzidos por adolescentes e pré-adolescentes natalenses; iii) identificar, com base na distribuição dos conectores E e AÍ em diferentes relações semântico-pragmáticas, a possibilidade de existência de especializações de uso distintas desses conectores; e iv) avaliar o papel desempenhado pelos adolescentes e pré-adolescentes natalenses relativamente aos fenômenos de variação e de mudança por gramaticalização dos conectores E e AÍ na comunidade de fala como um todo.

METODOLOGIA

Na constituição do *corpus* da pesquisa, foram realizadas oito entrevistas sociolinguísticas com duração média de 60 minutos cada. Os representantes da comunidade de fala da cidade do Natal, com os quais as entrevistas foram realizadas, foram divididos de maneira igualitária entre os dois grupos sociais considerados no trabalho, duas meninas e dois meninos em cada grupo, e se enquadravam na faixa etária entre 8 e 12 anos (pré-adolescentes) e 15 e 21 anos (adolescentes).

A entrevista sociolinguística, uma estratégia eficaz na captação de dados para pesquisas sociolinguísticas, é um facilitador, no tocante a captação da fala mais informal dos participantes. Para que seja possível relacionar aspectos linguísticos com aspectos sociais, fatores de ordem social – escolaridade, classe social, gênero, idade e etnia – devem ser controlados. O entrevistador deve estimular o informante a falar longamente sobre diversos tópicos, pois a entrevista “é considerada um fracasso se o falante fizer não mais que responder perguntas” (TAGLIAMONTE, 2006, p. 39).

Por ser considerada um macrogênero (cf. TAVARES, 2012), a entrevista sociolinguística permite ao informante produzir diversos gêneros textuais, entre esses as narrativas de experiência pessoal e os relatos de opinião. Esses gêneros são tomados como fontes de dados dos conectores E e AÍ na presente pesquisa, pois, devido a suas características, facultam usos diversos dos conectores em questão. São os gêneros textuais que determinam como os textos devem ser organizados, assim como especificam que formas gramaticais e lexicais são apropriadas e aceitáveis (cf. SHIRO, 2002).

A narrativa de experiência pessoal é o gênero por meio do qual o informante relata fatos não ficcionais ocorridos em sua vida, geralmente, no passado. Esses eventos narrados são pontuais e de ocorrência única, e, provavelmente, provocaram emoções como medo, tristeza, alegria ou raiva. Por essa razão, a narrativa de experiência pessoal é caracterizada como um dos gêneros mais informais em uma entrevista sociolinguística, permitindo ao informante um estado de maior relaxamento e descontração, o que, segundo Labov, facilita a manifestação do vernáculo, pois “uma vez envolvido neste tipo de discussão, os falantes tendem a produzir lembranças vívidas, ricas em características

vernaculares” (LABOV, 1984 *apud* TAGLIAMONTE, 2006, p. 38). O vernáculo manifesta-se na expressão oral de proposições, ideias ou fatos, sem que haja a preocupação em como se está enunciando, e constitui, geralmente, o material trabalhado em análises sociolinguísticas (cf. TARALLO, 1985).

Para ilustrar esse gênero textual, segue exemplo:

(7) Assim, nó colégio eu não tinha nenhuma amiga. **Aí** a gente foi se conhecendo, **aí** pedia, assim, ajuda, uma a outra, **aí** a gente foi se conhecendo. As vezes, quando ela não trazia um lápis, pedia um emprestado. **Aí** a gente foi se conhecendo. (BDFN; L. Femin.).

O relato de opinião é o gênero por meio do qual o informante realiza a defesa de um ponto de vista ou posicionamento sobre temas geralmente polêmicos, e que dizem respeito à sociedade, tais como política, economia, religião, cultura, ciência, entre outros. Ao defender seu ponto de vista, ele tende a buscar o convencimento e adesão do interlocutor, e dessa forma “tende a ser mais cuidadoso em relação *ao que* diz, o que pode ter reflexos em *como* diz, com a adoção de estilos menos informais” (TAVARES, 2014, p. 214, grifos da autora).

Para esclarecer, segue exemplo:

(3) Foi especial porque eu gostava... até porque... é... eu não ia pra igreja tanto, né. **Aí** depois, quando eu comecei a ir pro grupo, eu comecei a frequentar mais a igreja, **aí** isso foi um ponto positivo pra mim. (BDFN; D; masc.).

No desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas transcrições dos trechos das oito entrevistas que traziam os gêneros anteriormente citados. Nesses trechos, foram destacados os conectores sequenciadores E e AÍ, que posteriormente foram codificados de acordo com as relações semântico-pragmáticas de sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência, acima descritas.

RESULTADOS

Os dados extraídos das narrativas de experiência pessoal e dos relatos de opinião nas oito entrevistas sociolinguísticas com pré-adolescentes e adolescentes contabilizaram um total de 420 ocorrências dos conectores sequenciadores E e AÍ. Nos trechos referentes às narrativas de experiência pessoal, obtivemos um total de 329 (78%) dados. Desse total, 85 dados (26%) foram produzidos pelos pré-adolescentes natalenses, ao passo que 244 dados (74%) foram produzidos pelos adolescentes. Há uma maior ocorrência de dados nas narrativas de experiência pessoal, tanto entre pré-adolescentes quanto entre adolescentes, possivelmente por haver, por parte dos

entrevistadores, um estímulo à produção desse gênero, pois é nele que o vernáculo se faz presente de modo mais frequente (cf. LABOV, 2004).

A tabela a seguir mostra os resultados quantitativos referentes à distribuição dos conectores sequenciadores E e AÍ no tocante às relações semântico-pragmáticas nos trechos de narrativas de experiência pessoal, produzidos pelos pré-adolescentes e adolescentes natalenses.

Relações Semântico-Pragmáticas	Pré-adolescentes				Adolescentes			
	AÍ		E		AÍ		E	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sequenciação Textual	49/55	89	6/55	11	69/95	73	26/95	27
Sequenciação Temporal	12/18	67	6/18	33	94/115	82	21/115	18
Consequência/Conclusão	12/12	100	0/12	00	30/34	88	4/34	12
TOTAL	73/85	86	14/85	14	139/244	79	51/244	21

Tabela 1: Distribuição de E e AÍ quanto à relação semântico-pragmática em narrativas de experiência pessoal produzidas por pré-adolescentes e adolescentes

Na tabela acima, é possível observar quanto aos pré-adolescentes que, de um total de 85 ocorrências, o AÍ é responsável por 86% dos casos (73 ocorrências) e o E é responsável por 14% dos casos (12 ocorrências), o que indica que os pré-adolescentes natalenses preferem utilizar o AÍ na indicação de SRPI nas narrativas de experiência pessoal. Já quanto aos adolescentes, de um total de 244 ocorrências, é notável que o AÍ é responsável por 79% dos casos, o que representa 193 ocorrências; e o E é responsável por 21% dos casos, o que representa 51 ocorrências. Isso indica que, assim como os pré-adolescentes, os adolescentes natalenses também têm preferência por utilizar o AÍ na indicação de SRPI em narrativas de experiência pessoal.

Na tabela abaixo, é possível observar os resultados obtidos quanto à distribuição dos conectores sequenciadores por relação semântico-pragmática, em relatos de opinião produzidos por pré-adolescentes e adolescentes.

Tabela 2: Distribuição de E e AÍ quanto à relação semântica-pragmática em relatos de opinião produzidos por

Relações Semântico-Pragmáticas	Pré-adolescentes				Adolescentes			
	AÍ		E		AÍ		E	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sequenciação Textual	3/10	30	7/10	70	15/48	31	33/48	69
Sequenciação Temporal	0/0	00	0/0	0	8/12	67	4/12	33
Consequência/Conclusão	5/9	56	4/9	44	8/12	67	4/12	33
TOTAL	8/19	42	11/19	58	31/72	43	41/72	57

pré-adolescentes e adolescentes

Acima, no tocante aos pré-adolescentes, apresentaram-se dados apenas para as relações de sequenciação textual e de consequência, uma vez que não houve dados de sequenciação textual. Do

total de 19 dados, E é responsável por 58% dos casos (11 ocorrências) e AÍ por 42% dos casos (8 ocorrências). Isso indica que os pré-adolescentes têm preferência por fazer uso do conector E na indicação de SRPI em relatos de opinião. No que se refere aos adolescentes, é possível observar que, nesse gênero textual, houve um total de 72 ocorrências dos conectores em apreço, sendo que, desse total, 31 ocorrências foram do AÍ (43%) e 41 ocorrências *foram* do E (57%). Desse modo, os adolescentes também preferem o emprego do conector E em relatos de opinião. Esses resultados parecem ser resultantes da influência que o relato de opinião exerce sobre a fala do informante, uma vez que, ao que manifestar sua opinião, ele se encontra em estado de maior monitoramento da fala, e desse modo, tende a fazer uso de variantes menos informais ou estilisticamente neutras, caso do E.

DISCUSSÃO

Com base nos resultados, constatou-se que o AÍ foi o conector sequenciador mais recorrente nas narrativas de experiência pessoal, sendo responsável por 86% dos dados produzidos pelos pré-adolescentes; e por 79% dos dados produzidos pelos adolescentes. Essa alta taxa de uso do AÍ não se repete nos relatos de opinião, em que o conector E tem uma ocorrência levemente maior: entre os pré-adolescentes, chega a 58% dos dados, e, entre os adolescentes, é responsável por 57% dos dados. Todavia, levando-se em conta o total geral de dados obtidos, é possível afirmar que o AÍ foi o conector sequenciador mais utilizado no geral, já que alcançou ampla frequência nas narrativas de experiência pessoal e este gênero, por sua vez, foi o que apresentou mais conectores, contando com 78% do total de aparições (329 dados do total de 420). Dessa forma, há a confirmação da hipótese inicial, pois de fato os pré-adolescentes e os adolescentes natalenses empregam mais o conector AÍ do que o conector E na indicação de SRPI.

É durante os períodos de pré-adolescência e adolescência que os indivíduos buscam construir sua identidade pessoal, e, por isso, tendem a distanciar-se das características da fala infantil, assim como das características da fala adulta, optando por maior proximidade em relação à fala dos indivíduos de mesma idade ou um pouco mais velhos (cf. LABOV, 2001). Esse fato pode explicar a alta frequência de uso do conector AÍ entre os pré-adolescentes e adolescentes considerados nesta pesquisa, pois, durante o processo de (re)afirmação de identidade que tipicamente acontece na juventude, esses indivíduos costumam dar preferência ao emprego de construções linguísticas marcadamente informais e, mesmo, estigmatizadas.

A preferência pelo uso desse tipo de formas faz dos pré-adolescentes e adolescentes líderes no que tange à mudança linguística, pois formas tidas como de menor valor são, em geral, de uso

mais recente na língua. Já os adultos tendem a preferir as formas mais antigas, e, por isso, consideradas mais formais (cf. NARO, 2003), ou, ao menos, estilisticamente neutras.

Para uma melhor discussão sobre os resultados obtidos nesta pesquisa, faz-se necessário um breve comentário sobre o processo de gramaticalização. É por meio desse recurso que formas lexicais adquirem funções gramaticais e formas gramaticais adquirem novas funções gramaticais. Quando essas novas formas são utilizadas de modo constante, acabam tornando-se rotineiras e caracterizando o processo de gramaticalização, ou seja, gramaticalização é “o processo de regularização gradual pelo qual estratégias retóricas envolvendo itens lexicais e/ou itens gramaticais, inicialmente criativas e expressivas, tornam-se habituais por terem sido utilizadas recorrentemente em determinado tipo de contexto comunicativo” (TAVARES, 2013, p. 32).

Há, pelo menos, dois efeitos da gramaticalização que merecerem especial atenção: a especialização de uso por generalização e a especialização de uso por especificação. Na especialização, de modo geral, uma forma recente passa a ser utilizada de modo mais constante que a(s) forma(s) concorrente(s), mais antiga(s), e esse fenômeno de disputa por espaço pode se resolver de dois modos distintos: (i) especialização por generalização: uma das formas sofre abstração de significado e passa a ser utilizada em contextos antes dominados pelas demais formas; (ii) especialização por especificação: cada forma se especializa em funções ou contextos de uso distintos. Ao relacionar esses conceitos com os dados obtidos nesta pesquisa, é possível encontrar indícios de provável especialização na fala dos pré-adolescentes e adolescentes natalenses quanto ao uso dos conectores sequenciadores E e AÍ na indicação de SRPI.

No que diz respeito aos pré-adolescentes, os resultados obtidos mostram que, no gênero narrativa de experiência pessoal, há uma tendência de especialização por generalização, visto que o conector AÍ apresenta um significativo domínio sobre o conector E na codificação de todas as relações semântico-pragmáticas analisadas: ele é responsável por 89% dos dados de sequenciação textual, 64% dos dados de sequenciação temporal e por todos os dados de consequência. Já no gênero relato de opinião, os resultados apontam para uma especialização por especificação, pois, das duas relações semântico-pragmáticas encontradas nesse gênero, uma delas apresenta predominância do conector E, com 70% dos dados de sequenciação textual, enquanto a outra apresenta predominância do conector AÍ, com 56% dos dados de consequência.

Quanto aos adolescentes, os resultados revelam que, na fala desses indivíduos, há um comportamento semelhante ao verificado na fala dos pré-adolescentes. Assim, nas narrativas de experiência pessoal, há uma tendência de especialização por generalização, uma vez que o conector

AÍ conta com uma alta taxa de ocorrência em todas as relações semântico-pragmáticas controladas, com percentagens que vão de 73% na indicação de sequenciação textual a 88% na indicação de consequência. Por sua vez, o E apresenta ligeiro aumento, quando contrastado com os resultados referentes à fala pré-adolescente, no que tange à indicação de sequenciação textual, sendo responsável por 26% dos dados relativos à essa relação semântico-pragmática. A recorrência desse conector na indicação das demais relações é menor: ele conta com apenas 18% na indicação de sequenciação temporal e 12% na indicação de consequência.

No tocante aos relatos de opinião produzidos pelos adolescentes, ainda seria possível levar em conta a hipótese de tendência de especialização por generalização, visto que o AÍ é o conector mais empregado para a indicação de duas das relações semântico-pragmáticas controladas: sequenciação temporal, com 67% dos dados, e consequência, com 67% dos dados. Todavia, na indicação de sequenciação textual, o conector E foi mais frequente, com 69% dos dados. Portanto, é mais seguro considerar a hipótese de especialização por especificação: o E parece estar especializado para a indicação de sequenciação textual, ao passo que o AÍ parece estar especializado para a indicação de sequenciação textual e de consequência.

De um modo geral, como vimos, o conector AÍ obteve uma alta frequência em nossa amostra de dados. Isso pode ter acontecido pelo fato de serem justamente os pré-adolescentes e os adolescentes os grupos etários que mais fazem emprego desse conector na fala de Natal, segundo Tavares (2008). O alto uso do AÍ também pode ser relacionado ao fato de esse conector, em geral, ser associado a contextos de fala informal, e conseqüentemente, às narrativas de experiência pessoal, gênero textual, nesta pesquisa, foi o que mais apresentou ocorrências do conector em questão. Vale ressaltar que as narrativas de experiência pessoal são caracterizadas por permitir ao informante conectar-se de modo mais emocional com o que está narrando, já que costuma envolver relato de acontecimentos interessantes, emocionantes ou mesmo assustadores, de ocorrência única, que tiveram como protagonista o próprio informante. Por isso, esse gênero textual pode “estimular o aparecimento de formas variantes que o informante costuma empregar nas situações de comunicação informais do dia a dia, caso do AÍ” (TAVARES, 2014, p. 216). No caso dos relatos de opinião, a ligação emocional com o que está sendo dito é menor, pois, ao produzir um texto desse gênero, o informante apenas defende seu ponto de vista, monitorando a fala com o objetivo de evitar julgamentos contrários. Assim, em contraste com as narrativas de experiência pessoal, que permitem o uso de um estilo menos formal, os relatos de opinião não representam um contexto favorável para o emprego do conector AÍ.

CONCLUSÕES

Nesta pesquisa, analisaram-se os conectores sequenciadores E e AÍ como variantes na indicação da SRPI na fala de pré-adolescentes e adolescentes natalenses. Para tanto, foram utilizadas, como fonte de dados, oito entrevistas sociolinguísticas, das quais foram transcritos os trechos de narrativa de experiência pessoal e relato de opinião que continham os dados relevantes. Após, os dados foram codificados de acordo com três relações semântico-pragmáticas: sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência.

No que se refere às narrativas de experiência pessoal, foi possível verificar que tanto pré-adolescentes quanto adolescentes fazem alto uso do conector AÍ em todas as relações semântico-pragmáticas consideradas. Isso aponta para uma possível especialização por generalização do referido conector nesse gênero textual, uma vez que, em termos quantitativos, houve uma significativa predominância do AÍ na representação de todas as relações semântico-pragmáticas.

Nos relatos de opinião, o emprego do E foi relativamente maior na codificação da sequenciação textual, tanto entre os pré-adolescentes quanto entre os adolescentes. Porém, na indicação da consequência, o conector AÍ teve maior recorrência. Quanto à sequenciação temporal, apenas os adolescentes apresentaram dados, com predominância de uso do conector AÍ. Esses resultados apontam para uma especialização por especificação em relatos de opinião, uma vez que, para cada relação semântico-pragmática, há um conector especializado.

É notável que os pré-adolescentes e os adolescentes têm participação significativa no processo de gramaticalização dos conectores E e AÍ. Ao buscar uma identidade própria, esses indivíduos fazem do conector AÍ, a forma mais recente, marca característica de seu grupo etário. Todavia, não se pode falar em mudança completada, já que a gramaticalização está em andamento, e, desse modo, não há como afirmar se o conector AÍ substituirá de fato o conector E na fala dos jovens natalenses.

REFERÊNCIAS

- COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2015.
- GORSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. Revista do GELNE, v. 15, p. 75-97, 2013.

- HOPPER, P. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. v. 1. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 155-176.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- _____. Ordinary events. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Eds.). *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 31-43.
- LOUZARTH, D. M. C. S. O uso dos conectores E e AÍ em narrativas vicárias e em relatos de opinião produzidos por pré-adolescentes natalenses. Relatório Técnico Final de Pesquisa. PIBIC/UFRN. 2014. 11 p.
- NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.
- SHIRO, M. Genre and evaluation in narrative development. *Journal of Child Language*, v. 30, n. 1, 2003. p. 165-195.
- TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TAVARES, M. A. Correlações função-forma em dois períodos do século XX: indícios de especialização funcional. *Gragoatá*, n. 21, p. 43-58. 2006.
- _____. Variação estilística na entrevista sociolinguística: a questão do gênero textual. In: RAZKY, A. et al. (Orgs.). *Anais do II Congresso Internacional de Sociolinguística e Dialectologia (II CIDS)*. Belém, 2012.
- _____. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança. *Interdisciplinar*, Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v. 17, jan./jun, 2013. p. 27-47.
- _____. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-223.